

A EDUCAÇÃO ANARQUISTA NA LITERATURA ACADÊMICA BRASILEIRA

Tarcis Silva de Souza¹

Orientador: Anderson Fernandes de Alencar

Resumo

O presente trabalho busca, partindo de estudos e reflexões obtidas no decorrer do presente curso e de estudos individuais a respeito do tema, tomando por base artigos acadêmicos já publicados em periódicos científicos acerca do tema, aspectos práticos, teóricos e éticos a respeito de uma educação livre das amarras apresentadas pela instituição estatal. A defesa de uma educação livre – em especial no cenário educativo Brasileiro – se dá em face das eminentes falhas do sistema estatal de ensino desde a sua concepção, a qual se mostrou violenta aos indivíduos, impossibilitando o pensamento reflexivo. Partindo das discussões levantadas por Rothbard, Colson, Proudhon, Bakunin, Silva, Althusser, Oliveira Thoreau, e Gallo, foi possível estabelecer um diálogo consistente acerca dos aspectos éticos, morais e práticos de uma educação sem a influência do Estado. Já em relação a metodologia adotada, é necessário definir que se trata de uma pesquisa bibliográfica, em face dos próprios objetivos definidos para a realização da mesma, questão de pesquisa, e caracterização da mesma. Também foi possível no decorrer do trabalho, observar os referenciais que mais apareceram nos artigos selecionados, para assim, traçar de maneira mais reflexiva os paradigmas e desafios do pensamento anarquista no cenário educacional Brasileiro. Por fim, busco estabelecer novas perspectivas a respeito da educação nacional, e travar um novo diálogo a respeito da mesma.

Palavras-chave: Educação. Educação Brasileira. Estado. Anarquismo.

1 REFLEXÕES GERAIS

Partindo dos estudos presentes no curso de Licenciatura em Pedagogia, nos quais me debrucei nos últimos anos, em especial naqueles pautados nas relações de ensino e aprendizagem, tenho acreditado em novas formas e estratégias quando se diz respeito a estas relações, em contraste as situações que tinha me deparado até então em minhas experiências individuais. Encontrei a partir de estudos

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Garanhuns – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

específicos – nas áreas educacional e política principalmente –, correntes que me auxiliaram na elucidação de novos paradigmas em diversos contextos, dentre tais correntes, destaco as ideias anarquistas em ambas as áreas citadas.

Buscando uma caracterização concreta das perspectivas adotadas neste trabalho, devemos elucidar a concepção de Estado, a qual me apoio para debater alternativas às relações que o mesmo exerce em relação à sociedade, e aos indivíduos que a integram. A concepção de Estado que busco defender, também explicitada por Rothbard (2012), compreende a instituição como um predador da sociedade, haja vista que se aproveita do hospedeiro – definido como a sociedade –, utilizando-se deste como instrumento para sua sobrevivência e perpetuação.

Em face disso, se faz necessário observar as definições as quais desejo explicitar de “Estado” e “Anarquismo”, no decorrer do presente trabalho. Segundo o dicionário Houaiss, Estado pode ser definido como “conjunto das instituições (Governo, forças armadas, funcionalismo público, etc.) que controlam e administram uma nação.”, enquanto o conceito de Anarquismo que desejo trabalhar pode ser definido como:

teoria social e movimento político, presente na história ocidental do século XIX e da primeira metade do século XX que sustenta a ideia de que a sociedade existe de forma independente e antagônica ao poder exercido pelo Estado, sendo esta considerado dispensável, e até mesmo nocivo ao estabelecimento de uma autêntica comunidade humana. (HOUAISS, 2009).

Em consonância, entendo o anarquismo como movimento análogo às relações de poder que se firmam do Estado e pelo Estado, podendo ser definido como movimento de resistência a uma instituição violenta estabelecida previamente. E portanto, nesta perspectiva de anarquismo, a qual busco abordar neste trabalho, quando adentrarmos ao campo educacional, a figura do professor não se coloca como autoridade inquestionável, mas sim, um agente integrante do processo de ensino e aprendizagem, aquele que tem o papel de auxiliar o aluno a alcançar seus objetivos, e suprir suas necessidades individualmente, similarmente ao que podemos observar em Freire (1996).

Para Peres (2006), a defesa da educação anarquista em território brasileiro, em um primeiro momento, se deu em face da quase nula assistência do governo aos

filhos de imigrantes que aos poucos chegavam ao Brasil provindos da expansão migratória que se deu após a promulgação da lei áurea, e partindo deste recorte histórico, é possível observar a aparente ineficiência estatal na oferta do serviço educacional.

Na perspectiva de ensino que exemplifico aqui, não vemos a figura de um professor preocupado com as regulamentações estatais com as quais nos deparamos hoje, e muito menos de um aluno que se vê também impotente diante de tais dificuldades teóricas e metodológicas impostas pelo aparelhamento estatal, como por exemplo, o currículo engessado característico do sistema.

Neste trabalho, busquei apresentar através de experiências relatadas em trabalhos acadêmicos publicados com enfoque na área, práticas e experiências acerca do anarquismo na educação, exemplificando desta maneira as possíveis contribuições desta perspectiva no campo em questão. Para tanto, parto do pressuposto de que para entender de maneira mais clara a perspectiva anarquista no cenário educativo brasileiro, seria necessário conhecer os rumos que a comunidade científica tomou nos últimos anos nesta perspectiva e buscando orientar minha busca, a questão de pesquisa desenvolvida foi “Quais as especificidades encontradas, e os principais referenciais teóricos utilizados nos artigos selecionados sobre educação anarquista no cenário educacional brasileiro?”, e considerando as discussões tomadas no presente trabalho, considero tê-la respondido com êxito.

Por outro lado, não se deve entender tal fato como isolado, mas entender sua importância histórica e sua contextualização quando relacionamos à realidade atual. Devemos também contextualizar a importância de um sistema livre de educação nos dias atuais como importante fator ao desenvolvimento do pensamento crítico, e principalmente, discutindo a partir deste sistema, os perigos da ideia de uma educação gerida e criada por poderosos ao desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Segundo Rothbard (2013), o indivíduo sendo único, a melhor instrução formal, seria uma que se configurasse como igualmente única, para assim, adequar-se na individualidade do aluno, visto que cada criança possuirá características igualmente únicas. Partindo então deste pressuposto, o sistema estatal, pelo seu próprio caráter massificador, não poderia prezar por tais individualidades, mesmo se

tomarmos por base documentos oficiais e outras bibliografias referentes ao tema, a própria construção da instituição estatal, inviabiliza a possibilidade do trabalho nesta perspectiva.

Tomando por base, os estudos e reflexões que efetuei ao longo de minha carreira acadêmica, na concepção de aprendizagem que almejo apresentar no presente trabalho, a figura de autoridade inquestionável na sala de aula, as regulamentações, e o caráter massificador da educação estatal, se tornam portanto empecilhos para uma aprendizagem satisfatória do aluno. Em consonância, o que busquei apresentar neste trabalho, além das contribuições dentro da sala de aula provindas das práticas anarquistas na educação, foi a possibilidade de funcionamento da escola sem qualquer possível contribuição, aparelhamento ou influência estatal na instituição, exemplificando assim uma real tangibilidade do funcionamento de uma escola nessas condições.

A escolha do tema perpassou por uma integração de experiências individuais, em grande parte insatisfatórias, na área acadêmica, e de minha posição político-ideológica, onde as diversas ações praticadas pelo Estado, tomando como exemplo o campo econômico, e o próprio campo educacional, me fizeram questionar sua eficiência em qualquer área de atuação que a instituição venha a atuar, em especial, na educação.

Este trabalho busca apresentar – através de produções acadêmicas na área – , a educadores, pais e alunos a possibilidade de educar sem interferências ou auxílios provindos da instituição estatal, e como tal experiência de educação livre pode ser benéfica – se bem aplicada – ao educando.

O aluno, nesta situação aprende sem as dificuldades impostas pelo sistema atual. Tal experiência também auxilia o professor, que trabalhará com cada aluno da maneira que o educando melhor se adéqua, buscando suas individualidades e estimulando-as, formando assim, alunos talentosos em diferentes áreas sem a necessidade do assistencialismo estatal. Tal perspectiva também propicia a possibilidade de apresentar práticas inovadoras para escolas e comunidades que por motivos adversos, se encontram desprovidas de recursos e auxílio estatal para a prática educacional.

A pesquisa teve como objetivo geral: Investigar as perspectivas e desafios contemporâneos do pensamento anarquista na educação brasileira; e contou como objetivos específicos: a) Identificar artigos científicos produzidos nos últimos cinco anos (2012-2017) acerca do pensamento anarquista e de sua interface com a educação brasileira; b) Verificar se os referenciais teóricos estudados apresentam a ideologia anarquista em experiências escolares; c) Descrever as perspectivas e desafios contemporâneos do pensamento anarquista, localizados nos artigos identificados.

Partindo portanto destes objetivos explicitados, busquei explicitar no referencial teórico a concepção de Estado e sua formação como instituição, para assim entendermos suas relações antidialógicas com o indivíduo, busquei também explicitar argumentos teóricos da concepção de uma educação livre, observando a necessidade de entender os argumentos técnico e filosófico para tal defesa, e, por fim, apresentar a educação anarquista como alternativa à educação estatal.

Tomando por base as discussões do referencial teórico, explicitarei como se deu a delimitação dos procedimentos utilizados, tais como tipo de pesquisa, instrumentos de coleta de dados e método adotado.

Já em relação a análise dos dados, busquei segmentar a seção entre uma análise dos referenciais adotados pelos autores dos artigos selecionados, e uma seção destinada a descrever e caracterizar as especificidades encontradas nos trabalhos, visando a partir destas duas seções entender de maneira mais ativa as questões pertinentes referentes aos trabalhos em questão.

Por fim, nas considerações finais, busquei realizar um apanhado geral das contribuições proporcionadas pela análise e pelas discussões levantadas no decorrer do presente trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Estado enquanto instituição violenta

Em um primeiro momento, buscando contextualizar de maneira complementar e crítica a temática da necessidade de uma educação livre, sem a presença do

Estado em decisões e encaminhamentos acerca do sistema e do currículo, é necessário definir como se caracteriza o próprio Estado, enquanto instituição, e como se organiza.

Como podemos observar em Althusser (1983, p. 31), “O estado é uma máquina de repressão que permite às classes dominantes [...] assegurar a sua dominação sobre a classe operária para a submeter ao processo de extorsão [...]”, o Estado – enquanto instituição de caráter violento – é utilizado por vezes como instrumento para obtenção e manutenção de poder dos poderosos.

Já buscando entender como o Estado se eterniza, e principalmente como obtém sua falsa autoridade perante os cidadãos, podemos observar Rothbard (2012, p. 12) que define os mecanismos utilizados pelos integrantes do Estado para exercer tal autoridade. O autor define explicita que Franz Oppenheimer aponta duas formas para obtenção de riqueza, e que uma delas “é a forma em que se confisca os bens e serviços do outro através do uso da força e da violência”, atribuindo a este, a denominação de “método político”, o qual é utilizado pelo Estado como forma de sustento e obtenção de riqueza.

Outro ponto a se levar em consideração, é a falta autoridade que a instituição apresenta em diversos momentos históricos. O Estado, enquanto instituição, por diversas situações, mune-se da força institucionalizada para o controle populacional, ou mesmo para se manter financeiramente, assim como observamos na explicitação de Althusser (1983) em relação aos aparelhos de repressão utilizados pelo Estado.

Levantando a questão da necessidade intrínseca da manutenção de poder que o Estado exerce, como exerce, Silva (2010, p. 120), oferece uma explicação plausível a respeito desta questão, quando entendemos como se dão os mecanismos de poder presentes na sociedade em que viemos, e a partir de uma visão pós-estruturalista de Foucault, explica: “Foucault concebe o poder não como algo que se possui, nem como algo fixo, nem tampouco como partindo de um centro, mas como uma relação, como móvel e fluido, como capilar e estando em toda parte.”.

Partindo deste excerto, é possível perceber que o Estado em diversos momentos, utiliza-se de artifícios diversos para manter seu poder por meio também

de estratégias alternativas, sendo uma delas, a própria escola e a instrução estatal à população oferecida pelos mesmos. Também podemos observar na obra de Althusser (1983, p. 32), quando o mesmo indica que “O aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva”, a característica de controle da instituição estatal em busca de poder.

Tal citação, ilustra as relações do Estado e indivíduos, desde sua concepção até a forma de sustento financeiro da instituição, afinal, cobrar por serviços públicos, independente da vontade dos contribuintes, e usar da força para o pagamento impositivo, nada mais é que roubo institucionalizado, tal como vemos a explicitação da eternização do Estado de Rothbard (2012).

Partindo disso, tal “pseudoautoridade” exercida pelo Estado, quando observamos as passagens da obra de Henri Thoreau, intitulada “Desobediência Civil”, onde é relatada toda a insatisfação perante governo norte-americano frente a uma série de políticas tomadas em relação a temas que se configuram como importantes para a liberdade individual do cidadão, e quando nos referimos à argumentação da dissolução completa do Estado em relação à educação individual da população: Se o estado controlar o imaginário coletivo, pouco importará o que estará em seu controle no que vier a seguir, sempre haverá uma verdadeira legião de seguidores para legitimá-lo, e oferecer garantias de sua aparente necessidade às gerações que se seguem, minimizando ao máximo, desta forma, indignações coletivas, ou mesmo individuais.

2.2 As relações entre o Estado e a Educação

Contextualizando a discussão de uma educação de possível adequação às realidades diferenciais de um povo, de uma sociedade, de uma cultura, e associar tal questão a um sistema estatal de educação, se considerarmos o caráter violento (ROTHBARD, 2012) inerente à formação do sistema educativo estatal, não parece coerente. Concebido desde as primeiras experiências de existência, de forma autoritária e violenta aos educandos e educadores (ROTHBARD, 2013), mas nunca pensado de maneira violenta quando relacionado às relações de poder que o

definem o sistema estatal de educação pode ser resumido como uma forma autoritária de intervenção do Estado na vida dos indivíduos.

Entendendo que se trata de um sistema em sua concepção, vertical e antidialógico na prática, é necessário compreender a forma como tal sistema foi concebido e progressivamente reorganizado para aderir aos interesses de representantes de uma camada específica da população, e que em poucas situações observadas se mostra integrado aos interesses populares, entendendo na maioria dos casos, os mais interessados no contexto educacional – pais, alunos e professores – como integrantes passivos, com representatividade menor que a necessária, em relação às inquietações que apresentam diante das decisões arbitrárias tomadas pelo sistema.

Ao imbuir na concepção da escola, em ações administrativas internas diversas, e no próprio currículo do aluno, as concepções presentes da própria escola enquanto instituição, o Estado realiza por meio de mecanismos de controle, uma manipulação populacional velada, sendo estes, claramente observados em Althusser (1983) a exemplo dos aparelhos ideológicos como as relações dos meios de produção e os mecanismos de repressão, a exemplo das polícias

Acerca de currículo e Estado, devemos entender a relação de poder que se mantém entre a instituição e o serviço de educação que a mesma se propõe a oferecer à população. Althusser (1983) indica esta relação como um produto do pensamento imposto pelo Estado, seja pelos aparelhos repressivos do Estado, seja pela ideologia imposta pela instituição à população.

A escola portanto, tomando por base o pensamento do autor, quando em função do Estado como mecanismos ideológico, é utilizada de maneira ativa pelo Estado em função da facilidade no exercício de disseminação das ideologias estatais, e age – quando subjugada pela ideologia e aparelhamentos estatais – como potencial massificadora de pensamento e perpetuadora das violências cometidas pelo próprio Estado.

Já em relação a afirmação de que o Estado busca em especial, a dominação das massas por meio do sistema educacional, podemos observar como Rothbard (2013), explicita a formulação do sistema educacional, de como foi concebido e

trabalhado ao longo dos anos. Em um primeiro momento, o autor remonta às antigas iniciativas dos gregos na tarefa de ensinar – que serviram de base para sistemas educativos vindouros em todo o mundo –, tomando como principal exemplo, a educação Espartana.

Em Esparta, por outro lado, um antigo modelo para o moderno totalitarismo, o Estado foi organizado como um vasto campo militar, e as crianças eram apreendidas pelo Estado e educadas nos quartéis com o ideal de obediência a ele. (ROTHBARD, 2013, p. 29)

Em toda a presente obra, o autor se utiliza de fatos históricos para elucidar a tese de que o Estado, apesar de toda a aparente preocupação com as classes mais pobres, retira a autonomia do indivíduo, e o relega ao completo obscurecimento de suas possibilidades como indivíduo crítico no processo educativo. Munindo-se de outro exemplo mais recente, Rothbard (2013) utiliza o exemplo da educação oferecida pelo governo prussiano, governado à época, pelo rei Frederico Guilherme III.

Frederico Guilherme III continuou a reorganização após a guerra e fortificou o sistema de educação estatal obrigatório em 1834 tornando-o necessário para a entrada de jovens para as profissões liberais, como também todos os candidatos a cargos públicos e os estudantes universitários deveriam passar nos exames de graduação do ensino médio. Deste modo, o estado prussiano obteve controle efetivo sobre todas as gerações vindouras de acadêmicos e outros profissionais. (ROTHBARD, 2013, p. 35)

No sistema prussiano, retratado acima, as presenças tornaram-se obrigatórias, e o Estado muniu-se da justificativa de oferecimento de educação às massas, para obter um controle populacional mais intenso e eficaz, o que nos leva a refletir o real intuito em que o Estado ofereceria educação pública obrigatória, se com uma preocupação direcionada ao bem-estar social e a criticidade de seu povo, ou se apenas utilizar o sistema imbuído à autoridade que possui, como tripé na sustentação da utilização do povo como massa de manobra aos interesses burocráticos, militares e políticos.

Por outro lado, é possível observar em diversas situações, o levante de resistência e insubordinação frente as violências estatais, provindas em especial, do próprio âmbito escolar. Os movimentos de cultura popular em muitos casos se mostram como potenciais catalisadores destas resistências e se configuram como

próprios objetos de resistência produzido e utilizado pela comunidade escolar nos ambientes de luta.

Silva (2010) apresenta estes movimentos, através da apresentação das teorias de currículo, em especial quando indica a teoria de Henry Giroux. Na teoria de Giroux, a defesa de um currículo tecnicista e focado de maneira acrítica na eficiência do ensino poderia apresentar um aumento nas desigualdades e injustiças sociais.

Partindo deste pressuposto, é possível ver consonâncias em relação ao sistema estatal quando relacionamos o caráter massificador e cerceador das liberdades intrínseco ao sistema estatal, ao que observamos nas práticas criticadas por Giroux em sua teoria. A própria ideia de um currículo engessado e com pouca possibilidade de maleabilidade é, por excelência uma característica do sistema estatal de educação, possibilitando desta forma, a produção e manutenção de desigualdades aos indivíduos que não se adequam ao mesmo.

Entretanto, é possível perceber a resistência de grupos populares em relação a todos os excessos exercidos pela instituição estatal em diversos âmbitos. Ações como a pressão de movimentos populares em assembleias constituintes para a adequação de medidas governamentais análogas à vontade popular dos grupos específicos que, em busca de representa-se organizam-se e militam em espaços diversos em busca de seu local de fala. Os próprios movimentos de educação – alternativas em comunidades carentes às pressões governamentais – por exemplo, são modos de resistência que a sociedade encontra na luta contra a supressão de suas liberdades individuais.

Tais encaminhamentos podem ser, em diversas situações potencializados pelas iniciativas de uma educação livre das iniciativas estatais, e por isso a alternativa da educação anarquista se faz tão atrativa à busca pela liberdade do indivíduo, tal liberdade, defendida também na obra de Illich (1985).

2.3 A Educação Anarquista como alternativa Estatal

Partindo do pressuposto da inviabilidade da educação estatal por princípios éticos e políticos explicitados acima, o argumento prático a favor de um sistema livre

das burocracias estatais se faz presente através de ações já realizadas ao redor do mundo, e que conseqüentemente, ofereceram resultados satisfatórios a respeito de tal prerrogativa.

A ideia de uma educação adequada a realidades diferentes já se apresenta em iniciativas de caráter anarquista de educação – as quais, teremos um melhor enfoque mais adiante nas leituras de Gallo (1995) –, além de iniciativas de *Homeschooling*, por exemplo.

A ideia de manter uma quantidade considerável de pessoas reclusas em uma sala, todas com a mesma faixa etária, e com interesses e ideias parecidas, inicialmente, pouco ajudará na diversidade que estes indivíduos encontrarão ao enfrentar as realidades do mundo real, como podemos observar nos excertos de Rothbard (2013).

Não é raro observar a presença de alunos que se sentem presos ao sistema quando são colocados na sala de aula, para aprender o que não veem necessidade, interesse, e que nem sequer tem curiosidade para engajar no desafio proposto. É necessário que reflitamos acerca das realidades do alunado, assim como definido por Rothbard:

Uma das grandes glórias da humanidade é a sua diversidade, o fato de que cada indivíduo é único, com capacidades, interesses e aptidões únicas. Impor de forma coativa a instrução formal a crianças que não têm nem a capacidade nem o interesse nessa área é uma deformação criminosa da alma e da mente destas crianças. (ROTHBARD, 2013, p. 144)

Ora, antes de tudo, a educação é um serviço oferecido pelo Estado à população, e em situações normais de mercado, todo serviço sofrerá concorrência de ações semelhantes com a mesma prerrogativa. Entender a educação como o único serviço a não possuir concorrência pode ser um grande erro.

Silva (2010), em suas explicações acerca das críticas pós-estruturalistas do currículo, ressalta um ponto recorrente acerca de um perigo constante da manutenção de uma educação Estatal, ao explicar as características do próprio estruturalismo. O autor exemplifica a ideia de Will Wright sobre a estruturação da realidade a partir do exemplo de um gênero específico de filme.

Como ilustração eis algumas funções: o herói entra num grupo social; o herói é desconhecido da sociedade; a sociedade não aceita completamente o herói; os vilões ameaçam a sociedade; o herói luta contra os vilões; o herói derrota os vilões; a sociedade aceita o herói. Quando vemos filmes particulares desse gênero, observamos que mudam os personagens, mudam os cenários, mudam as situações. Se analisarmos esses filmes de acordo com a perspectiva estruturalista, entretanto, podemos ver que no fundo, permanece uma mesma estrutura. (SILVA, 2010, p. 119)

Busco então levantar o debate da real possibilidade de mudança de perspectiva perante a educação estatal. Tal debate se faz necessário em razão do discurso levantado por professores e alunos que se incluem na educação pública e a defendem com a justificativa da mesma estar contida de falhas, porém, ser passível de mudança.

De acordo com a explicação e fundamentação do estruturalismo – se o tomarmos como ponto base para a discussão deste assunto – podemos entender que mesmo apesar de toda a mudança que a partir de fatores diversos venha a ser gerada – seja ela de maneira artificial ou efetiva –, em contextos metodológicos ou estruturais do sistema de educação estatal, suas principais características continuaram intrínsecas em sua concepção primordial, mantendo desta forma os principais críticas aos caracteres violento e massificador levantados no decorrer deste trabalho.

Se tomarmos por base outros serviços que são oferecidos à população, podemos observar a evolução deste determinado serviço quando colocado em sistema de livre concorrência, sendo a resposta mercadológica da população que dita, nestes casos, a melhoria do produto ou serviço. A educação, estando atrelada ao sistema estatal oferecido e idealizado pelo próprio Estado, onde este mesmo dita regras, diretrizes e padrões únicos para diferentes indivíduos, seria prejudicada no sentido da ausência de concorrência.

É necessário frisar a existência de outras motivações existentes no campo educacional que possibilitam a melhoria da mesma, porém, a resposta mercadológica ofereceria benefícios igualmente importantes ao desenvolvimento da ação educativa, vide lei de oferta e demanda.

A ideia de um sistema realmente privado de educação – sem a presença das diversas regulamentações exercidas pelo Estado –, de instituições educativas

alternativas, a exemplo de instituições anarquistas, confessionais, ou filantrópicas, e até mesmo de espaços de educação informal, garantiriam uma evolução latente dos moldes educativos em voga atualmente.

Partindo deste pressuposto portanto, podemos entender que a abertura da liberdade perpassa sobre a possibilidade de oferecimento de outros sistemas, além da desvinculação ideológica com o Estado e seus serviços obrigatoriamente oferecidos.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se encontra caracterizada como bibliográfica, a qual Lakatos e Marconi (1987) explicam tal tipologia como a aferição, seleção e registro de toda a bibliografia publicada acerca do assunto pesquisado, seja em livros, jornais, monografias, teses, ou tantas outras fontes, mas sempre contando com o objetivo de inserir o pesquisador em um contato direto com todo o material disponível que verse sobre o assunto em questão.

Já em relação ao método de pesquisa adotado, este encontra-se caracterizado como Método indutivo, pois

O pesquisador que adota o método indutivo, inicia sua pesquisa sem hipótese ou teoria algumas sobre características e funcionamento de um determinado fenômeno natural ou humano, sendo a observação, o experimento e o teste, os principais instrumentos que o possibilitarão descobrir os fatos sobre o fenômeno em questão, chegando assim a uma conclusão (XAVIER, 2010, p. 37-38)

Logo, buscando entender melhor as experiências anarquistas no campo educacional brasileiro, busquei em um primeiro momento, realizar levantamento e seleção dos referenciais teóricos pertinentes acerca do pensamento anarquista, a partir de um levantamento e seleção dos documentos à serem analisados para obtenção dos dados pertinentes. Estes documentos selecionados foram Artigos acadêmicos publicados em periódicos científicos entre os anos de 2012 e 2017, abordando o pensamento anarquista e sua interface com a educação Brasileira, que estejam escritos em Língua Portuguesa.

A busca dos artigos, por sua vez, foi realizada junto a sites de periódicos científicos brasileiros, sendo estes: www.periodicos.pucminas.br,

www.periodicos.capes.gov.br, www.scholar.google.com.br, www.periodicos.uem.br, www.periodicos.sbu.unicamp.br, e www.periodicos.ufb.br, utilizando-se das palavras-chave: Anarquismo; Educação; Educação Anarquista e Educação Estatal.

Os instrumentos de pesquisa utilizados no andamento da mesma. Em um primeiro momento, visando a identificação e seleção dos artigos científicos publicados entre os anos de 2012 e 2017 que versam sobre o pensamento anarquista no campo da educação brasileira, foi utilizada a coleta documental, buscando a partir de tal instrumento, selecionar os documentos que contribuíram para a pesquisa de maneira qualitativa. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 174), na coleta documental, o objetivo principal se configura como a seleção dos referenciais pertinentes para o andamento da pesquisa, sejam documentos, ou livros e outros referenciais de caráter bibliográfico.

Ainda em relação à análise documental, é importante ressaltar o que explicita Bardin (2016, p. 51), onde explica que o instrumento “permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (apresentação do primeiro.”, sendo assim, é possível perceber que a análise documental é entendida pela autora como um instrumento capaz de aplicar “afunilar” uma primeira amostragem de dados obtidos nos documentos, buscando desta forma, um melhor aproveitamento na informação que será passada.

Em um segundo momento, buscando suprir a necessidade de verificar a apresentação dos ideais anarquistas nos referenciais teóricos analisados, se fez necessário munir-se da análise de conteúdo. Para Severino (2007, p. 121), a análise de conteúdo se caracteriza principalmente por ser “[...] uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forme de discursos pronunciados em diferentes linguagens”.

A importância de tal instrumento foi vital para o bom andamento do trabalho, visto que, a partir da análise de conteúdo foi possível entender de maneira mais clara e concisa as ideias contidas no discurso defendido pelos autores dos artigos selecionados para análise. Também foi possível através deste instrumento, observar as perspectivas e desafios encontrados pelos autores no trabalho com o

pensamento anarquista, bem como as contribuições que tal ideário potencializa ao contexto educacional brasileiro.

Em consonância a esta discussão, se faz necessário justificar a escolha dos artigos “A educação Anarquista e a Educação Pública Estatal Brasileira: O Encontro de Dois Paradigmas” e “Estratégias de Aproximação, Sociedades de ideias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República”, que foram publicados fora do recorte temporal estipulado inicialmente na concepção dos objetivos do presente trabalho. Em suma, a escolha se deu pela grande relevância que representam quando relacionados ao tema do presente trabalho, além de incongruências existentes entre os resultados das buscas nas ferramentas de pesquisa – a qual citavam publicações dos dois artigos no ano de 2012 –, e a data real de publicação dos trabalhos, confusão esta percebida apenas após a análise completa do trabalho.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os artigos analisados foram: “Avaliação educacional na Educação Anarquista” e “Foucault e a Educação Anarquista”, de Gustavo Castanheira Borges de Oliveira, “Estratégias de aproximação, sociedades de ideias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República” de Fernando Antônio Peres, “A Educação Anarquista e a Educação Pública Estatal Brasileira: o Encontro de dois paradigmas” de Juliana Guedes dos Santos Marconi e Luiz Bezerra Neto, “Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola moderna” e “Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje”, de Sílvio Gallo, “O Anarquismo Hoje”, de Daniel Colson e “Educação Anarquista: Contribuições para a escola e uma educação autêntica” de Luana Aparecida Moraes e Beatriz Gomes Nadal.

4.1 Caracterização dos trabalhos

Os trabalhos analisados foram publicados nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste do Brasil, sendo dois deles na cidade de Ouro Preto, Estado de Minas Gerais (Oliveira 2016a, 2016b), outros três na cidade de Campinas do Estado de São Paulo, (Marconi e Neto 2016), (Moraes e Nadal, 2017), (Gallo, 2013), um

originário da capital deste último Estado (Peres, 2006) e dois originários de João Pessoa-PB (Gallo, 2012) e Colson (2012), como podemos observar no “Quadro 1”.

Quadro 1: Caracterização dos artigos selecionados.

Título	Data de publicação	Local de publicação	Meio de publicação
Avaliação educacional na Educação Anarquista	Nov. 2016	Ouro Preto-MG	Revista Espaço Acadêmico
Foucault e a Educação Anarquista	Jul./Dez. 2016	Juiz de Fora-MG	Faces de clio (Programa de pós-graduação em História-UFJF)
Estratégias de aproximação, sociedades de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República	Jan./Jun. 2006	São Paulo-SP	Revista Brasileira de História da educação
A Educação Anarquista e a Educação Pública Estatal Brasileira: O Encontro de dois paradigmas	Mar. 2009	Campinas-SP	Revista HISTEDBR On-line
Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola moderna.	Maio/Ago. 2013	Campinas-SP	Revista Pro-Posições
Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje	Abr./2012	João Pessoa-PB	Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho
Educação Anarquista: Contribuições para a escola e uma educação autêntica	Out./Dez. 2017	Campinas-SP	Revista HISTEDBR On-line
O Anarquismo Hoje.	Abr. 2012	João Pessoa-PB	Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho

Fonte: dados do autor (2019).

Partindo destes dados, vale ressaltar a concentração de trabalhos nesta natureza nas regiões sudeste – onde podemos observar quatro dos oito apresentados – sul e nordeste – que contam com dois trabalhos cada, sendo possível portanto observar, uma possível ociosidade das demais regiões em relação à pesquisa científica relacionada ao tema.

4.2 Referenciais teóricos utilizados

As referências utilizadas na análise do presente trabalho foram selecionadas com base em suas respectivas aparições nos artigos selecionados. Referências como Bakunin e Gallo, por exemplo, aparecem em 7 dos 8 artigos selecionados, enquanto outras, apesar de aparecerem em menor frequência, se mostram presentes na listagem de referências utilizadas, a exemplo de Ferrer Y Guardia. Em consonância a isso, buscamos agrupar referências que oferecessem a mesma perspectiva de discussão, seja no contexto social do anarquismo enquanto movimento, seja nas relações da escola com a comunidade e relações sociais, seja nos relatos de experiências anarquistas em ambientes educacionais. A lista de todos os trabalhos encontra-se disposta no “Apêndice A”.

Já em relação aos referenciais selecionados na pesquisa, estes foram divididos em cinco categorias, sendo elas:

- **Caracterização de referenciais pertinentes ao pensamento Anarquista em Educação** - referenciais que, de acordo com as leituras realizadas, oferecem apanhado histórico, perspectivas futuras, ou contribuições teóricas ao tema
- **Caracterização do movimento anarquista** - referenciais que contribuíram de forma prática, ou teórica, ao movimento no contexto social, auxiliando um melhor entendimento do pensamento anarquista aplicado a sociedade
- **Caracterização e exemplificação do pensamento anarquista aplicado à educação** – referenciais que auxiliam a discussão teórica acerca do pensamento anarquista aplicado ao contexto educacional, chegando a traçar paradigmas
- **Relações entre Escola e estruturas sociais** – referenciais com foco na escola como instituição, e como a escola se configura como atuante na sociedade, bem como traçando papéis desta no meio social
- **Experiências anarquistas no âmbito educacional** – referenciais que traziam exemplificações de experiências práticas da educação anarquista

Quadro 2: Referenciais teóricos mais recorrentes identificados nas obras estudadas.

Categoria	Referências utilizadas
Caracterização do Movimento Anarquista	• BAKUNIN (1980, 2015b) • CASALVARA (2012) • COSTA (1990) • FERREIRA (1978) • GHIRALDELLI JR. (1987) • GONÇALVES (2007) • GUÉRIN (1980) • HADMAN (1983) • LUIZETTO (1987) • MAY (1989) • PROUDHON (1975) • SIMÃO (1989) • WOODCOCK (2007)
Caracterização e “aplicação” do pensamento Anarquista aplicado à educação	• BAKUNIN (2015a) • BERNAL (2006) • GALLO (1990, 1992, 1993, 1995, 1996, 2004, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2007, 2012, 2013, 2016) • LUENGO (1993) • LUIZETTO (1984, 1986) • MACHADO (2012)
Relações entre Escola e sociedade	• BAKUNIN (2015c) • BELTRÃO (2000) • CARVALHO (1983) • CODELLO (2007) • DELORS (2000) • FARIA (1985) • FRIGOTTO (1999) • NOVAES (2012) • QUEIROZ (2002) • ROCHA (2003) • SAVIANI (2006a, 2006b, 2009) • VEIGA-NETO (2003) • VIANA (2013)
Caracterização de referenciais pertinentes ao pensamento Anarquista em Educação	• ANTONY (2011) • COLSON (2012) • DOLGOFF (2005) • GONÇALVES e SILVA (2001) • ROMERA VALVERDE (1996) • WOODCOCK (1981)
Experiências anarquistas no âmbito educacional	• FERRER Y GUARDIA (2014) • KASSICK (2002) • LIPIANSKY (2007)

	• MORAES (1999) • PERES (2004) • TRAGTENBERG (1987) • UEHARA (2010)
--	--

Fonte: dados do autor (2019).

A utilização de autores como Bakunin e Gallo é frequente na maioria dos trabalhos – em sete dos oito artigos selecionados – em razão das características fundamentais de suas obras quando relacionadas ao anarquismo como filosofia política (Bakunin), ou como base para repensar o sistema educacional (Gallo). As principais obras utilizadas são “Pedagogia Libertária? Anarquistas, anarquismos e educação.”, “Anarquismo e filosofia da Educação”, “Educação anarquista: por uma pedagogia do risco” e “Anarquismo: uma introdução filosófica e política” em relação a Gallo, além de “O estado: alienação e natureza” e “A instrução integral” de autoria de Bakunin. Nesta mesma perspectiva, é possível encontrar “A pedagogia libertária” de Lipiansky. “O que é propriedade?” de Proudhon e “Anarquismo Espanhol e educação” de Bernal.

Da lista das referências localizadas nos artigos analisados, os trabalhos de Luizetto (1984, 1986), Costa (1990) e Guérin (1980) nos apresentam um panorama do anarquismo como movimento representativo, tanto no âmbito político, como intrínseco nas instituições sociais, a exemplo da escola. Partindo então destas perspectivas apresentadas, é possível lançar olhares sobre as direções e os vetores nas quais o pensamento anarquista pode evoluir no decorrer do tempo.

Ressaltamos também os trabalhos de Huehara (2010), nos quais este caracteriza experiências anarquistas, e Viana (2012), discute ideias e perspectivas sobre autogestão na perspectiva da educação anarquista, além da tese de Romera Valverde (2012), que aborda as possibilidades da pedagogia libertária, refletindo sobre o autodidatismo na perspectiva da construção do próprio conhecimento. Nestes trabalhos, por sua vez, é possível aprofundar a percepção dos espaços nos quais o pensamento anarquista pode se encontrar – sejam estes, espaços físicos ou institucionais – e partindo destes espaços, produzir suas militâncias e resistências.

Na perspectiva do pensamento anarquista enquanto alternativa educacional – e consequentemente representatividade – quero ressaltar as obras de Gallo, o qual se constitui como importante expoente do pensamento anarquista em cenário brasileiro, em especial no âmbito educativo – se tomarmos por base a quantidade de referenciais aferidos aqui – favorecendo desta forma o acesso à possibilidade da abertura da educação livre. Suas obras voltadas ao âmbito da Pedagogia e Educação oferecem uma nova perspectiva da oferta de uma educação livre e reflexiva através de iniciativas comunitárias em especial. Nesta perspectiva, buscamos ressaltar a obra de Lipiansky, que adentra de maneira mais técnica no tema, oferecendo muitas vezes, arcabouços teóricos aos que por ventura, buscam empreender na perspectiva anarquista em âmbito educacional.

De uma maneira mais aplicada, nas obras de Luengo (1993), observamos uma discussão fundamentada acerca da educação livre, e em Kassick (2002), um debate em face da Escola Paidéia. Ambos nos trazem possibilidades de uma escola livre.

Outro referencial importante é Ferrer Y Guardia – que aparece em várias obras – com o destaque para a obra “La escuela moderna” (“A escola moderna”), na qual apresenta a possibilidade de uma escola alternativa ao modelo que observamos hoje.

A obra de Machado (2012) disserta acerca da escola anarquista no cenário atual, a qual, segundo sua visão, se configura como pouco propícia à disseminação das ideias do pensamento. Por sua vez, o trabalho desenvolvido por Colson (2012) traz um levantamento geral do pensamento anarquista até o momento da produção do mesmo.

Gonçalves e Silva (2001) e Woodcock (1981) elencam e explicitam de maneira primorosa a literatura anarquista em língua portuguesa. E Saviani (2009), Viana (2013) e Queiroz (2002) realizam reflexões a respeito das relações da educação com o Estado e com a sociedade, que cercam os processos de ensino e aprendizagem, e como tais relações podem afetar – positiva ou negativamente – o processo de desenvolvimento do aluno.

4.3 Desafios e perspectivas identificadas

Os artigos tratavam de uma série de temáticas, sendo organizadas da mesma maneira que as referências do tópico anterior.

Quadro 3: Categorias, textos e autores dos artigos.

Categoria	Textos e autores
Caracterização do Movimento Anarquista	“O Anarquismo Hoje” (COLSON, 2012)
Caracterização e exemplificação do pensamento Anarquista aplicado à educação	“Avaliação educacional na Educação Anarquista” – (OLIVEIRA, 2016a) “Foucault e a Educação Anarquista” (OLIVEIRA, 2016b) “Educação Anarquista: Contribuições para a escola e uma educação autêntica” (MORAES e NADAL, 2017)
Relações entre Escola e estruturas sociais	“A Educação Anarquista e a Educação Pública Estatal Brasileira: O Encontro de dois paradigmas” (MARCONI e NETO, 2009) “Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje” (GALLO, 2012)
Caracterização de referenciais pertinentes ao pensamento Anarquista em Educação	“Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola moderna.” – (GALLO, 2013)
Experiências anarquistas no âmbito educacional	“Estratégias de aproximação, sociedades de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República” (PERES, 2006)

Fonte: dados do autor (2019).

Identificamos a resistência em relação ao estabelecimento prévio das instituições análogas ao funcionamento de uma educação livre e significativa. Instituições ligadas ao Estado – direta ou indiretamente – acabam atuando de maneira a dificultar esta prática educativa.

Os textos apontam práticas pedagógicas comumente presentes nas atividades docentes contemporâneas como aulas campais, ao ar livre, trabalhos com

jogos cooperativos e o estímulo ao contato com a natureza ligadas a educação anarquista (GALLO, 1995).

Observamos as dificuldades de incorporação da educação anarquista no cenário brasileiro através da histórica (MARCONI E NETO, 2009), relatado por meio de um apanhado de iniciativas estatais e anarquistas em relação a educação, sendo melhor aceita em face da ausência da iniciativa do Estado, e portanto, ganhando força em movimentos liderados por operários.

Nos deparamos com a apresentação de uma experiência educativa: a Escola Paidéia, na qual a autonomia é exercida pelas crianças de maneira prática e ordenada. Nesta prática educativa, elas podem escolher suas atividades diárias, seja na organização de material, ou mesmo de seu cronograma de aulas (KASSICK, 2002).

Outro ponto de importante realce em relação aos trabalhos analisados é em relação a própria perspectiva dos mesmos. É possível perceber a partir, principalmente da congruência dos referenciais teóricos, e no discurso adotado pelos autores, a preocupação em entender o anarquismo como movimento de luta contra a sociedade burguesa existente em especial, nos grandes centros urbanos e que se configura como “dona dos meios de produção”.

Tal perspectiva provém em especial das leituras imbuídas em leituras marxistas, tais como Proudhon e Bakunin, os quais entendem o movimento marxista como passíveis inclusive de luta armada para atingir os fins aos quais se destinam. Outro ponto que valida o ponto aqui levantado, é a íntima relação da perspectiva anarquista com os movimentos de apoio a trabalhadores de ambientes fabris, tal análise sendo bem evidente no trabalho de Peres (2006).

Na tarefa de um apanhado histórico a respeito do tema em questão, podemos ressaltar o trabalho de Colson (2012), que busca a partir de uma discussão geral sobre o pensamento anarquista, apresentar a situação a qual se encontra – tudo isto a partir de um levantamento histórico e contextualização do movimento em razão do tempo. Tal referência se faz necessária ao desenvolvimento do pensamento em face da contextualização a respeito do próprio pensamento, suas perspectivas futuras e historicidade.

O discurso por sua vez, se mostra semelhante em todas as produções analisadas, sempre entendendo da educação anarquista como contraponto para o sistema educacional vigente. Nas produções de Oliveira (2016a) e Marconi e Neto (2009), por exemplo, é possível observar possibilidades latentes da implantação e manutenção de um sistema alternativo em comparação ao sistema estatal, e apresentam possibilidades metodológicas, seja em relação a necessidades do próprio sistema – avaliação do alunado, por exemplo –, ou necessidades pedagógicas como planejamentos.

Adentrando de maneira mais profunda na temática do discurso – desta vez, na estruturação deste – podemos observar no trabalho de Oliveira (2016b), o aprofundamento do discurso enquanto instrumento estruturante do pensamento anarquista na sociedade. Tomando por base os pensamentos de Foucault, o autor esquematiza a perspectiva da utilização do discurso como peça primordial para o desenvolvimento do pensamento em sociedade, e consequentemente, é possível trazer tal perspectiva ao campo educacional em face da grande presença de diferentes tipos de discursos na interface educativa.

Já em relação ao trabalho de Moraes e Nadal (2017), é possível observar a presença de uma defesa militante em favor da educação anarquista. No trabalho podemos observar relações entre exemplos de iniciativas anarquistas de educação – a exemplo da Escola Moderna de Barcelona – e uma defesa acadêmica fundamentada em autores ideologicamente defensores do pensamento.

Neste mesmo trabalho, é possível observar a fundamentação em que a educação anarquista se firmou em seus princípios, e observar como esta relação adquiriu novas significações para se enquadrar de uma melhor maneira atualmente. A construção argumentativa das autoras nos revela a necessidade de surgimento da educação anarquista, trazendo o contexto dos ambientes fabris da época da revolução industrial, e sua mudança de perspectiva nos dias atuais, onde a justificativa de uma educação livre, é pela significação e criticidade que esta traz em relação ao sistema engessado observado comumente em experiências estatais.

Em consonância, podemos observar Gallo (2012) quando relacionamos a situação do pensamento anarquista na educação, onde Gallo demonstra as

possibilidades e perspectivas da educação livre no cenário educacional brasileiro no contexto de publicação do Artigo. Se demonstrando de grande valia ao pensamento científico na área, este artigo nos apresenta os desafios de se empreender na educação livre – seja no aspecto constitucional ou prático.

Por fim, se faz necessário diferenciar portanto os trabalhos, e entender a importância destes para a comunidade científica no âmbito que se dirigem. Em um primeiro momento, o recorte de espaço se faz necessário, e portanto, o trabalho de Marconi e Neto (2009) e Peres (2006), apresentam grandes semelhanças, por focarem seus esforços, em especial, no contexto educacional brasileiro, enquanto os outros se focam no contexto da educação anarquista de maneira geral. Vale citar a obra de Gallo (2013), onde é feito um apanhado geral a respeito de Francisco Ferrer Guardia – grande pioneiro da área – e sua trajetória no cenário da educação anarquista, bem como suas contribuições prestadas à comunidade.

Outro recorte necessário a ser feito, é o recorte técnico/metodológico, onde se encaixam trabalhos muito mais preocupados com uma defesa técnica/metodológica de um sistema educacional alternativo ao sistema estatal, e nesta questão, podemos caracterizar os trabalhos de Moraes e Nadal (2017) e Oliveira (2016a) como igualmente integrantes.

Em síntese, podemos observar a partir das referências e dos artigos selecionados para análise que estes tratam do ideário anarquista com foco na realidade educativa brasileira, destacando desafios, perspectivas e apresentando, sobretudo, estratégias para uma prática educativa reflexiva acerca de uma educação dialógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidenciou a produção acadêmica acerca do ideário anarquista na educação, em seus aspectos teóricos ou práticos, no sistema educacional brasileiro.

Os objetivos da pesquisa focaram em aferir os desafios e perspectivas apresentados pela comunidade científica em relação ao tema, e para isso, foram selecionados artigos publicados em periódicos científicos nos últimos cinco anos.

A partir destes trabalhos, foi possível aferir os referenciais presentes nos artigos selecionados. Tal tarefa se mostrou importante em face da necessidade de uma caracterização reflexiva acerca do discurso defendido nos artigos acerca do pensamento anarquista em um contexto social e educacional.

A utilização de autores como Gallo, Bakunin, Proudhon e Ferrer Y Guardia oferece importantes subsídios teóricos ao professor ou gestor que busca novos ares para sua prática ou sistema educativo. Já experiências inovadoras de ensino no campo da educação anarquista, viabilizam novas perspectivas aos que entendem a necessidade eminente de mudança do sistema educacional brasileiro, e buscam novas alternativas para os problemas latentes na educação. Destacamos também a construção histórica da trajetória educativa do modelo anarquista brasileiro, retratada nos artigos encontrados.

Por fim, evidenciamos, a partir dos trabalhos, a necessidade de se defender uma educação livre em detrimento do sistema estatal de educação. Delegar integralmente ao Estado a Educação dos cidadãos é um contrasenso de uma sociedade que busca maior autonomia e protagonismo em relação às instituições que a cerca, em face da própria característica da educação estatal. A educação anarquista portanto, vai na contramão desta relação de poder estabelecida entre Estado e cidadão, e deve ser entendida e debatida como alternativa válida para a mudança desejada na Educação.

6 AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a oportunidade, e ter me possibilitado chegar ao fim do curso, mesmo com as dificuldades e desafios que encontrei no meio da jornada, e mesmo antes de iniciá-la

A minha falecida avó, Ana Teixeira de Melo, que sempre confiou em minha capacidade, investindo em meu futuro, se estou aqui neste momento, é por ela.

A minha mãe, Maria do Socorro de Melo Silva, por ter batalhado literalmente dia e noite pra ter me visto formado seja como homem, seja como profissional, você é minha inspiração!

As minhas duas tias, Roseneide Teixeira da Silva, e Daniela Débora de Melo Silva, por terem me auxiliado nos momentos em que mais precisei, seja em desabafos, seja em conselhos e incentivos, eu não seria o que sou hoje sem vocês.

A meu avô, Luiz Rodrigues da Silva, que em todos os momentos esteve comigo, seja me dando “broncas”, ou conselhos de um verdadeiro Pai, você é meu exemplo de como ser um homem.

A minha namorada, Carolina Beatriz Gomes de Oliveira, que me apoiou em todos os momentos que mais precisei nesta reta final, seja nas horas de desespero, seja nas horas do descanso necessário, das diversões relaxantes, ou do carinho merecido, e também, por ter me aproximado novamente de Deus, você foi um instrumento que ele usou para que eu voltasse a ser quem sou. Eu te amo!

Aos meus amigos, Diogenes Thiago de Assis Domingos, Jayne Barbosa de Melo, Viviane Ferreira da Silva, Yalle Emery de Almeida Cardoso, Tamyres Roque e Luciano Matos, que me ajudaram em momentos de dúvida intelectual, me auxiliaram em diversos momentos de aprendizado, e junto com eles, cai em momentos de risada inesquecíveis, vocês são incríveis!

A minha “nova tia” e “nova prima”, Roberta Keyle e Anna Karolina, que se mostraram importantes na minha caminhada acadêmica, oferecendo apoio e suporte emocional em momentos de necessidade. Vocês são da família!

A meu orientador, Anderson Fernandes de Alencar, que se esforçou ao máximo para entender o tema que propus, se preocupou com meus problemas pessoais, e se tornou um amigo que quero levar para toda a vida, gosto muito de você!

A professora Marlene Maria Ogliari, que confiou ativamente em mim nas atividades de monitoria que desempenhei durante o curso, e se tornou minha amiga pessoal durante o meu período como discente na universidade, muito obrigado por tudo professora!

A banca avaliadora, que se disponibilizou por estar aqui presente, e avaliar meu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1983.
- BAKUNIN, M. O Estado: alienação e natureza. In: MALATESTA, E. et al. **O anarquismo e a democracia burguesa**. 2. ed. São Paulo: Global, 1980. p. 35-44. (Coleção Bases, n. 18).
- BAKUNIN, M. A Instrução Integral. In: COELHO, Plínio (Org.). **Mikhail Bakunin: Obras escolhidas**. São Paulo: Hedra, 2015a. p. 267-286.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERNAL, A. O. **Anarquismo espanhol e educação**. In: EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA - Educação e Revolução na Espanha Libertária. nº1. 3º quadrimestre de 2006. IEL. São Paulo: Imaginário. p.9-24.
- COLSON, D. **O Anarquismo Hoje**. Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais, n. 36 - abril de 2012 - p.75-90.
- COSTA, C. T. **O que é anarquismo**. 15ª ed. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. 1990.
- FERRER Y GUARDIA, F. **A Escola Moderna**. Biblioteca Terra Livre: São Paulo, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, S. **Educação anarquista: por uma pedagogia do risco**. 1990. 312 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e História da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.
- GALLO, S. **Pedagogia do Risco: Experiências Anarquistas em Educação**. 1. Ed. Campinas: Papirus, 1995.
- GALLO, S. O paradigma anarquista em educação. **Nuances**. v. 2, set. 1996.
- GALLO, S. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 268p.
- GALLO, S. Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Rev. De Ciências Sociais**, n.35, p. 169-186, Abr. 2012.

GALLO, S. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-posições**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 241-251, maio/ago. 2013.

GONÇALVES, A.; SILVA, J. E. **A bibliografia libertária**: o anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 2001.

GUÉRIN, Daniel. As idéias força do anarquismo. In: MALATESTA, E. et al. **O anarquismo e a democracia burguesa**. 2. ed. São Paulo: Global, 1980. p. 7-34. (Coleção Bases, n. 18).

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Verbetes "Estado". São Paulo: Objetiva, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Verbetes "Anarquismo". São Paulo: Objetiva, 2009.

ILICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KASSICK, C. N. **A organização da escola libertária como local de formação de sujeitos singulares**: um estudo sobre a Escola Paidéia. 2002. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIPIANSKY, E. M.. **A Pedagogia Libertária**. São Paulo: Imaginário, 2007.

LUENGO, Josefa. **Escola da anarquia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **Presença do anarquismo no Brasil**: um estudo dos episódios literário e educacional. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1984.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **O movimento anarquista em São Paulo**: a experiência da Escola Moderna N.º 1 (1912-1919). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 8, n. 24, p. 18-47, ago. 1986.

MACHADO, Wilton Rodrigues. Pedagogia libertária: projeto e utopia educacional na sociedade capitalista. **Revista Urutágua**, Maringá, PR, n. 10, ago./nov. 2004. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/010/10machado.htm>>. Acesso em: 10 out. 2012.

MARCONI, J. G. S.; NETO, L. B.. A Educação Anarquista e a Educação Pública Estatal Brasileira: O encontro de dois paradigmas. **HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 142-158, mar.2009.

MORAES, L. A.; NADAL, B. G.. Educação Anarquista: Contribuições para a escola e uma educação autêntica. **HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 17, n. 4, p. 1078-1085, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, G. C. B. Avaliação educacional na Educação Anarquista. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 186, Nov. 2016a.

OLIVEIRA, G. C. B. Foucault e a educação anarquista. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 149-171, jul./dez. 2016b.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

PERES, F. A. Estratégias de Aproximação, Sociedades de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 11, jan./jun. 2006.

QUEIROZ, Cristina. S. **A educação como estética da existência**: uma crítica anarquista ao construtivismo. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

ROMERA VALVERDE, Antônio José. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ROTHBARD, M. N. **A anatomia do estado**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises. 2012.

ROTHBARD, M. N. **Educação**: Livre e obrigatória. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises. 2013

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 41. ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THOREAU, H. D. **A desobediência civil**. Tradução: Sérgio Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997. p.5 – 56

UEHARA, Luiza. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. **Rev. Verve**, São Paulo, n. 18, p. 93-107, out. 2010.

VIANA, Nildo. Educação, sociedade e autogestão pedagógica. **Rev. Urutágua**, Maringá, n. 16, p. 1-9, ago./nov. 2008. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/016/16viana.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

APÊNDICE A - Lista de trabalhos relacionados a Anarquismo, Estado e Educação listado nas obras analisadas.

AGULHON, M. As sociedades de pensamento. In: VOVILLE, Michel (org.). **França revolucionária (1789-1799)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ANTONY, M. **Os microcosmos**: experiências utópicas libertárias, sobretudo pedagógicas: utopedagogias. São Paulo: Imaginário, 2011.

AYMARD, M. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada, 3**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BAKUNIN, M. A ciência e a questão vital da Revolução. In: COELHO, Plínio (Org.). **Mikhail Bakunin**: Obras escolhidas. São Paulo: Hedra, 2015b. p. 303-345.

BAKUNIN, M. A Instrução Integral. In: COELHO, Plínio (Org.). **Mikhail Bakunin**: Obras escolhidas. São Paulo: Hedra, 2015a. p. 267-286.

BAKUNIN, M. Essência da religião. In: COELHO, Plínio (Org.). **Mikhail Bakunin**: Obras escolhidas. São Paulo: Hedra, 2015c. p. 141-152.

BAKUNIN, M. O Estado: alienação e natureza. In: MALATESTA, E. et al. **O anarquismo e a democracia burguesa**. 2. ed. São Paulo: Global, 1980. p. 35-44. (Coleção Bases, n. 18).

BARATA, A. M. **Luzes nas sombras**: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

BARROS, R. S. M. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. *Boletim*, São Paulo: FFCL/USP, n. 241, 1959.

BASTIAN, Jean-Pierre. (org.). **Protestantes, liberais y francmasones**: Sociedades de ideas y modernidad en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica/ CEHILA, 1990.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Los disidentes**: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911. México: Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1989. (org.). *Protestantes, liberais y francmasones*: Sociedades de ideas y modernidad en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica/CEHILA, 1990.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantismos y modernidad latinoamericana**: Historia de unas minorías religiosas activas en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BELTRÃO, I. R. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios**: didática - o discurso científico do disciplinamento. São Paulo: Imaginário, 2000.

BERNAL, A. O. **Anarquismo espanhol e educação**. In: EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA - Educação e Revolução na Espanha Libertária. nº1. 3º quadrimestre de 2006. IEL. São Paulo: Imaginário. p.9-24.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Documento Introdutório. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

BRASIL. **Plano Nacional de educação**. Brasília, Câmara dos Deputados, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019b.

CALSAVARA, T. S. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado** – Estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARVALHO, N. V. **Autogestão**: o governo pela autonomia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CATANI, D. B. **Educadores à meia-luz (um estudo sobre a 'Revista de Ensino' da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: 1902-1918)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CODELLO, F. **A boa educação**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil. São Paulo: Imaginário. 2007.

COLOMBO, D. A. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

COLSON, D. **O Anarquismo Hoje**. Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais, n. 36 - abril de 2012 – p.75-90.

CONFEDERACIÓN NACIONAL DEL TRABAJO. CNT. **Anarquismo básico**. 2. ed. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo (FAL), 2010.

COSTA, C. T. **O que é anarquismo**. 15ª ed. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense. 1990.

DELORS, J. **Os quatro pilares da educação**. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000, p. 89-101.

DOLGOFF, S. **A relevância do anarquismo para a sociedade moderna**. São Paulo: Faísca, 2005.

FARIA, J. H. **Relações de poder e formas de gestão**. Criar Edições/FAE, Curitiba, 1985.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1993.

FERREIRA, M. N. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERRER Y GUARDIA, F. **A Escola Moderna**. Biblioteca Terra Livre: São Paulo, 2014.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1999.

FURET, F. **Pensando a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GALLO, S. **Educação anarquista**: por uma pedagogia do risco. 1990. 312 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e História da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.

GALLO, S. Educação e liberdade: a experiência da Escola Moderna de Barcelona. *Pro-Posições* – Revista da Faculdade de Educação da Unicamp, v. 3, n. 3[9], p. 14-23, dez. 1992.

GALLO, S. O paradigma anarquista em educação. **Nuances**. v. 2, set. 1996.

GALLO, S. **Anarquismo**: uma introdução filosófica e política. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

GALLO, S. Crítica da cultura, educação e superação de si: entre Nietzsche e Stirner. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel A.; PINHEIRO, Paulo. (orgs). **Nietzsche e os gregos**: arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 329-344.

GALLO, S. Ferrer e a pedagogia racional: um balanço, cem anos depois...**Revista Educação Libertária**, São Paulo, n. 1, pp. 37-44, 3º quadrimestre de 2006.

GALLO, S. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 268p.

GALLO, S. **Anarquismo e filosofia da educação**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/anarquismo-e-filosofia-da-educacao>. Acesso em: 28 jan. 2019.

GALLO, S. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-posições**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 241-251, maio/ago. 2013.

GHIRALDELLI Jr., P. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez: Autores Associados. 1987.

GIGLIO, C. M. B. **A Voz do trabalhador**: sementes para uma nova sociedade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GONÇALVES, A.; SILVA, J. E. **A bibliografia libertária**: o anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 2001.

GONÇALVES, A. M. **Francisco Ferrer y Guardia**: educação e a imprensa anarco-sindicalista – “A PLEBE” (1917-1919). 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2007.

GUÉRIN, D. As idéias força do anarquismo. In: MALATESTA, E. et al. **O anarquismo e a democracia burguesa**. 2. ed. São Paulo: Global, 1980. p. 7-34. (Coleção Bases, n. 18).

HARDMAN, F. F. **Nem pátria, nem patrão**: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HILSDORF B., M. L. S. **Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo**: um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

HILSDORF B., M. L. S. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

HILSDORF B., M. L. S. **História da educação brasileira**: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KASSICK, C. N. **A organização da escola libertária como local de formação de sujeitos singulares**: um estudo sobre a Escola Paidéia. 2002. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LESAGE, P. **A pedagogia das escolas mútuas no século XIX**. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

LIPIANSKY, E. M. **A Pedagogia Libertária**. São Paulo: Imaginário, 2007.

LUENGO, J. **Escola da anarquia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

LUIZETTO, F. V. **Presença do anarquismo no Brasil**: um estudo dos episódios literário e educacional. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1984.

LUIZETTO, F. V. **O movimento anarquista em São Paulo**: a experiência da Escola Moderna N.º 1 (1912-1919). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 8, n. 24, p. 18-47, ago. 1986.

LUIZETTO, F. V. **Utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MACHADO, W. R. Pedagogia libertária: projeto e utopia educacional na sociedade capitalista. **Revista Urutágua**, Maringá, PR, n. 10, ago./nov. 2004. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/010/10machado.htm>>. Acesso em: 10 out. 2012.

MAY, T. Pós-estruturalismo e anarquismo. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, s/d. MORIYÓN, Félix Garcia. (org.). **Educação libertária**. Bakunin e outros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MORAES, J. D. de. A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 1999.

NOVAES, H. T. Autogestão como magnífica escola: notas sobre a educação no trabalho associado. **Revista e-Curriculum**, v. 5, n. 1, p. 1-37, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/3250/2168>>. Acesso em: 10 out. 2012.

OLIVEIRA, J. E. Montechi Valladares de. **O anticlericalismo na República Velha**: a ação dos anarquistas. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PENTEADO, J. **Belenzinho, 1910**: retrato de uma época. 2. ed. São Paulo: Carrenho Editorial/ Narrativa-Um, 2003.

PERES, F. A. **Estratégias de aproximação**: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PROUDHON, P. **O que é a propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

QUEIROZ, C. S. **A educação como estética da existência**: uma crítica anarquista

ao construtivismo. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

ROCHA, M. Avaliação: ação, interação e inter-ação. In: FELTRAN, Regina Célia de Santis (org). **Experiências em avaliação na universidade**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. p. 15 – 34.

ROMERA VALVERDE, A. J. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SAVIANI, D. **O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro**. In: SAVIANI, D. et al. O Legado Educacional do Século XIX. 2ªed. 2006. p. 8-31.

SAVIANI, D. **O legado educacional do “longo século XX” brasileiro**. In: SAVIANI, D. et al. O Legado Educacional do Século XX no Brasil. 2ªed. 2006b. p. 9-57.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 41. ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

SIMÃO, A. **Os anarquistas**: duas gerações distanciadas. *Tempo Social*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 1, n. 1, p. 57-69, jan./jun. 1989.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação e Sociedade** – CEDES, Campinas, n. 1, 1978.

TOLEDO, E. **O Amigo do Povo**: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

UEHARA, L. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. **Rev. Verve**, São Paulo, n. 18, p. 93-107, out. 2010.

VALDEMARIN, V. T. **O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado**. In: SAVIANI, D. et al. O Legado Educacional do Século XIX. 2ªed. 2006. p. 85-132.

VIANA, N. Educação, sociedade e autogestão pedagógica. **Rev. Urutágua**, Maringá, n. 16, p. 1-9, ago./nov. 2008. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/016/16viana.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

WOODCOCK, G. **História das ideias e movimentos anarquistas** -v.I: A ideia. Porto Alegre: L&PM, 2007.